

**“ESCUTAR OU OUVIR?”: A CONTRIBUIÇÃO DA MÚSICA NO ENSINO-
APRENDIZAGEM COMO FATOR COGNITIVO E UMA FORMA DE
CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO CRÍTICO.**

**“LISTEN OR HEAR?”: THE CONTRIBUTION OF MUSIC IN LEARNING-
TEACHING AS A COGNITIVE FACTOR SUCH AND WAY OF BUILDING
CRITICAL THINKING.**

Anderson Santos BEZERRA¹

Luciano Galdino da Silva JÚNIOR²

RESUMO: Este artigo tem por objetivo a investigação na sala de aula com a implementação da educação musical e suas implicações no ensino-aprendizagem. Com este objetivo, descrevemos aqui, de forma resumida, a banalização musical na prática pedagógica impede que a música seja vista como um instrumento facilitador na aprendizagem, além de enfatizarmos o exercício de ouvir dos (as) estudantes para que aprimorem suas percepções, e também pensar a expressão cultural e representatividade desde a educação do Brasil colônia. Deu-se a escolha desse tema por pensarmos a música como um fator de integração dos (as) estudantes na educação para uma formação de cidadãos conscientes do mundo onde vivem. Para refletirmos como forma de colaboração, usamos como respaldo teórico: (BRÉSCIA, 2003; BRITO, 2003; FONTEERRADA, 2005; PIAGET, 1991; SNYDERS, 1997), dentre outros. Nesta perspectiva, a partir de uma análise qualitativa-interpretativa, constatamos que a música é um importante fator no desenvolvimento cognitivo/linguístico, sócio afetivo e psicomotor.

PALAVRAS-CHAVE: Musical; Aprendizagem; Construção.

ABSTRACT: This article aims at research in the classroom with the implementation of music education and It's implications in teaching-learning. With this objective, we describe here, in a summarized way, musical trivialization in pedagogical practice prevents music from being seen as a facilitating tool in learning, in addition to emphasizing the exercise of listening to students to improve their perceptions, and also think about the expression representativeness since the education of Brazil colony. This theme was given because we think of music as na integration factor students in education for the formation of conscious citizens of the world in which they live. To reflect as a form of collaboration, we use as theoretical support: (BRÉSCIA, 2003; BRITO, 2003; FONTEERRADA, 2005; PIAGET, 1991; SNYDERS, 1997), among others. From this perspective, from a qualitative-interpretive

¹ UFPB - Universidade Federal da Paraíba. Unidade Acadêmica de João Pessoa. João Pessoa - PB - Brasil. E-mail: andersonbezerras244@gmail.com.

² UFPB - Universidade Federal da Paraíba. Unidade Acadêmica de João Pessoa. João Pessoa - PB - Brasil. E-mail: lucianogaldinojr188@gmail.com.

analysis, we found that music is an important factor in the development of cognitive/linguistic, affective and psychomotor partner.

KEYWORDS: Music; Learning; Construction.

Introdução

Os debates em torno de como as músicas são utilizadas no processo de ensino-aprendizagem não são recentes, muito já se tem dito sobre a sua relevância e métodos (BRÉSCIA, 2003; BRITO, 2003; CHAVES, 2009; GAINZA, 1988; RAMIN, 2021; SNYDERS, 1997). Tais estudos, dentre tantos outros, têm demonstrado o seu caráter, seus aspectos e sua finalidade. Ao pensarmos que as produções conduzem sensações físicas, somos capazes de ouvirmos, de captarmos, de percebermos e de compreendermos as suas estruturas, formas e sentidos. Posto isso, a música sempre acompanhou a vida dos seres humanos, trazendo-os ao encantamento da arte e do belo, do imaginário e real, combinando som e silêncio, ritmos e vibrações. Tendo em vista o acompanhamento da história da arte, a música segue o desenvolvimento humano, pois se encontra presente em quase todas as manifestações sociais e pessoais dos sujeitos desde os tempos mais antigos (BRÉSCIA, 2003).

Por volta de 4.000 a. C., a música atingiu seu nível de especificação, isso aconteceu pela cultura egípcia que tinha por finalidade da preservação da agricultura e utilizavam de sons, como discos de paus e percussões, nas cerimônias religiosas. Trombetas, flautas e coros foram utilizados em suas solenidades oficiais. Contudo, uma elaboração teórica para a música só aconteceu na antiguidade clássica pelos filósofos gregos. Assim, esses conhecimentos históricos de diversas teorias e técnicas da realidade musical foram perpassados, expandindo ao longo do tempo em diversos países e continentes. Desta maneira, passando uma cultura de espírito aos seres humanos através do ritmo e harmonia e, conseqüentemente, propiciava equilíbrio em uma relação cósmica. Fonterrada (2005) declara que Platão desenvolveu uma discussão embasando a estética e a ética na música, além de ter um grande respeito pelos gregos.

Nas terras brasileiras, pensar nas estruturas musicais como um fenômeno da miscigenação não é tão evidente, a forma como a música revela-se no Brasil é a partir de uma sociedade multiétnica compostos pelos povos de continentes europeus, africanos e indígenas. Assim, as músicas eram utilizadas nas ocorrências de cultos religiosos e para a atração dos povos até a fé cristã. Isso aconteceu pelos Padres Jesuítas, contudo, o ensino de música não apresentava um viés educativo, mas uma construção social e específica para algo em

particular. Segundo Mário de Andrade (1980, p. 163), “o estudo científico da música popular brasileira ainda está por fazer. Não há sobre ela senão sínteses mais ou menos fáceis, derivadas da necessidade pedagógica de mostrar aos estudantes a evolução da história da música brasileira”.

Apresentamos, neste artigo, a importância da educação artística juntamente à música como uma prática pedagógica com o intuito de torna-se um assunto relevante. Para isso, é importante musicalizar tanto crianças como jovens para sensibilizá-los de uma forma expressiva, pois essa contribuição musical ajuda em um desenvolvimento psíquico, sobretudo, pelos meios dos fatores cognitivos para a criação do pensamento crítico. Tal pensamento deve ser treinado e estimulado, uma vez que permite a avaliação de argumentos diversos, capacitando os (as) alunos (as) para discutirem em moldes multidisciplinares dentro de uma sociedade plural. Para os documentos do Referencial Curricular para a Educação Infantil (RCNEI) “A música é a linguagem que se traduz em formas capazes de expressar e comunicar sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio” (BRASIL, 1998, p. 45)

Sabe-se que quando um som está sendo produzido, temos sensações físicas diversas no momento em que ouvimos os repertórios. A música presente na sala de aula consegue implicar com dois fatores: visar o talento dos (as) alunos (as); e torna-se um instrumento facilitador para a aprendizagem. Quando trazidos à sala de aula, a prática da musicalização (descrevemos aqui como um ato de ensino) consiste em um método mecânico e descontextualizado, ficando evidente a retirada de quaisquer possibilidades de meios para os usos musicais. Este termo musicalização é definido como um conjunto de atividades que tem a finalidade de tornar a criança propícia e sensível para o conhecimento. Ademais, relacionar isso a educação não é só compreender meios teóricos do desenvolvimento das disciplinas e conteúdos programáticos, contudo, envolve proporcionar experiências visuais e sonoras a fim de despertar a sensibilidade e a comunicação. É perceber também que a música é uma mediadora da aprendizagem dos (as) estudantes. Portanto, a música é também entendida como um instrumento importante para a comunicação.

Utilizar a ferramenta musical no processo de ensino e aprendizagem por meio do cunho pedagógico a torna um instrumento que interfere, de maneira positiva, nas visões de mundo dos (as) estudantes. Tendo uma conexão de experiência humana com o mundo. O objetivo deste artigo é ilustrar como a sala de aula consegue se comportar com a

implementação de uma educação artística por parte da música, tendo uma necessidade de entrever nos (as) alunos (as) suas origens culturais e explicitar como isso pode ser feito no processo pedagógico. Para tanto, é importante ressaltar que esta pesquisa é de caráter bibliográfico, pois são resultados de pesquisas, de análises e de discussões de várias literaturas disponíveis. O artigo, organizado em três seções, orienta a discussão em: discutir a banalização da música no desenvolvimento pedagógico como uma das principais questões para o impedimento da inserção musical como mediadora no ensino-aprendizagem; descrever o ouvir dentro de uma perspectiva da aprendizagem por Piaget (1991); e apresentar uma discussão embasada na expressão cultural e na representatividade para a construção do reconhecimento cultural amplo.

A música no contexto escolar: a banalização musical no ambiente escolar.

A música no ambiente escolar ainda é agudamente banalizada, pois, muitas das vezes, é vista apenas como uma forma de entretenimento, deixando de lado toda a sua importância cultural, social e sensorial. Identifica-se a perda de identidade na educação musical desde a década de 70 quando houve a acomodação da música como componente da grade curricular para a educação artística impossibilitando a população a uma prática musical. Atualmente, o processo de musicalização está inserido, brevemente, na Base Nacional Comum Curricular, homologada pelo MEC (Ministério da Educação), em 2017, de acordo com ela “um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo da Educação Básica” (BRASIL, 2017, p. 7).

Compreendemos, evidentemente, que existem músicas que são construídas com uma densa presença de elementos rítmicos que inibem componentes como a harmonia e a melodia, sendo caracterizadas como recreativas, evidenciando que são canções feitas para o entretenimento. Por essa razão, é necessário um certo cuidado quanto à escolha das músicas que serão trabalhadas em sala de aula, priorizando a qualidade sonora para que seja promovida ao estudante uma aprendizagem significativa. “Acredito que a música pode acontecer em diferentes momentos da aula, [...] É importante saber que a linguagem musical não deve ser tratada como recreação. Quando bem planejada ela passa a ser uma forma de apresentação de vida da criança.” (MOURA, 2010, p. 83). A música é um importante elemento para o processo pedagógico, tendo em vista que faz com que os (as) estudantes

tenham situações de aprendizagem nas habilidades sociais e na estrutura de linguagem, experimentando o som que provém de seus próprios conhecimentos.

A música é um componente constitutivo da identidade pessoal e de uma comunidade ou povo, portanto, deve-se valorizar a diversidade cultural, visto que encontraremos na sala de aula diversas etnias que devem ser respeitadas, pois é um direito garantido pela constituição de 1988. “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.” (BRASIL, 1988, p. 126)

É importante ressaltar que o ato de musicalizar é incentivar os (as) alunos (as) a criarem sons para construírem conhecimentos a partir de si mesmos. Loureiro (2000, p. 41) diz que “desenvolver no sujeito o interesse pela criação e pela apreciação estética, compreendendo-a e contestando-a, paralelo a busca do desenvolvimento de sua imaginação e disposição para novas atividades artísticas”. Para isto, é despertar apreciações musicais na capacidade de percepção e reflexão estimulando a interpretação dos estímulos ao ambiente fazendo com que os (as) estudantes desenvolvam o senso crítico de realidade quando expostas a sensibilidade motora de suas emoções.

Torna-se, assim, essencial trabalhar com a musicalização (o ato de ensinar através da música) no ensino com o objetivo de usufruir de habilidades auditivas e sensório-motoras emitidas através da concentração, sociabilização e raciocínio. Segundo Wigel (1988) e Barreto (2000) trabalhar com essa musicalização é contribuir no desenvolvimento da criança, reforçando o desenvolvimento cognitivo/linguístico, sócio afetivo e psicomotor. Percebemos, contudo, a desvalorização musical enquanto mediadora da aprendizagem, pois se pode considerar um ponto chave em relação à interdisciplinaridade e também como uma forma de cultivo dos processos de memorização.

O ensino e aprendizagem musical consegue afetar dois importantes fatores: a interdisciplinaridade e o caráter psicopedagógico. “Ela atua sobre a capacidade de atenção do educando, estimulando-o em muitos outros níveis” (SEKEFF, 2007, p. 78). Esse estímulo torna a música como uma ferramenta pedagógica indispensável para a educação. Posto isso, conseguimos destacar que “[...] a música pode melhorar o desempenho e a concentração [...]” (BRÉSCIA, 2003, p. 60). A partir dela se trabalha uma área cerebral ligada ao raciocínio lógico estimulando habilidades linguísticas, aptidões motoras e intelectuais, além do desenvolvimento de um pensamento crítico. Tal pensamento que “implica a habilidade para

avaliar a credibilidade das fontes, para identificar conclusões, razões e hipóteses e para apreciar a qualidade de um argumento, para desenvolver ou defender um ponto de vista, [...]” (ENNIS, 1993, p. 180).

Quando colocamos em foco a educação artística voltada para o ensino de música em sala de aula, devemos compreender que o objetivo central do desenvolvimento de habilidades musicais serão para auxiliar um conjunto de atividades para tornar os (as) estudantes aptos (as) ao conhecimento. Pois não visamos, nem consideramos como hipótese, a formação de seres musicais.

Para proporcionar uma implementação musical facilitadora no ensino-aprendizagem, temos uma contribuição fundamental dos educadores. “A educação é uma jornada plena de companheirismo e compreensão, de respeito mútuo, de verdade e liberdade.” (REIS, 1996, p. 78). Assim, a educação deve ir além do desenvolvimento de disciplinas e seus conteúdos, este ato deve possibilitar a sala de aula para uma abertura do mundo, fazendo os (as) alunos (as) possíveis conscientes de seus prováveis desafios, conduzindo esses estudantes para uma autonomia que os tornem capazes de perceberem as diferenças do mundo onde estão inseridos. A música é um importante fator para a formação da criança, pois com ela se torna possível para que essas se tornem aptas para articularem suas observações e experiências (SWANWICK, 1993).

Como uma mediação para facilitar o processo de ensino-aprendizagem, é essencial usar a música em atividades educativas, porém a forma de aplicação deve depender dos educadores e das escolas por cada uma possuir suas metodologias e seus próprios critérios. Entretanto, é preciso entender que vivemos numa sociedade com transformações de valores constantes. O dia a dia acompanha as inovações tecnológicas do mundo moderno acelerando as atividades humanas. Mas, antes de tudo, não podemos deixar escapar a essência da educação que é formar cidadãos conscientes do mundo onde vivem. Com isso, a música no ensino e aprendizagem significa contribuir para uma construção de vida mais plural, cultural e realista de um novo que se constrói. “[...] ampliar a visão de mundo, oportunizando e discutindo experiências que envolvem diferentes sistemas simbólicos construídos pela civilização [...]” (FIGUEIREDO, 2009, p. 62). Portanto, de acordo com a visão do autor, a música consegue integrar sujeitos na sociedade.

A música no contexto escolar: o ouvir em uma aprendizagem.

Conceituar os debates em torno dos conceitos de escutar ou de ouvir nas aulas provocam uma aprendizagem significativa, visto que a aprendizagem é uma construção. “Considera-se hoje, cada vez mais, o conhecimento como um processo do que como um estado” (PIAGET, 1991, p. 13). Para a sala de aula, torna-se a música um elemento eficaz e facilitador na aprendizagem. Quando capazes de diferenciar esses dois conceitos, os (as) estudantes passam a usar suas capacidades auditivas para ampliarem suas competências cognitivas que incluem a compreensão verbal, as confirmações de hipóteses e as análises de argumentos diversos. Uma vez que o exercício de ouvir faz com que os sujeitos aprimorem suas percepções. Ademais, através de uma aprendizagem, busquem explicar pela compreensão de suas motivações, de seus pensamentos e de suas memórias.

A linguagem musical inicia-se por meio de uma interação com o ambiente, sendo por meio de experiências sólidas que, aos poucos, levam às operações intelectuais de uma reflexão. Cofer e Appley (1972) acreditam que há uma contínua e íntima relação estabelecida entre a motivação e a aprendizagem e que, muitas vezes, tem uma difícil separação. Por ser uma atividade lúdica que facilita os processos de ensino-aprendizagem, a música é uma linguagem facilitadora da integração, da expressão e da comunicação de diversas sensações. Além de ser capaz de transformar a integridade física, moral e psíquica de um educando.

Assim, considerar que a música é um fator da comunicação sensorial, afetiva e simbólica se faz necessário para entender que a teoria cognitivista se baseia em uma ideia de que o conhecimento é uma atividade construída pelos indivíduos, uma vez que tem o (a) estudante como um sujeito ativo na aprendizagem. Com isso, a musicalização consegue despertar desconhecidas habilidades como o de autoconhecimento e a da conquista de autonomia no pensamento crítico. Isso argumenta Saiz e Rivas (2008) que “o pensamento crítico é um processo de busca de conhecimento, através das competências de raciocínio, solução de problemas e tomadas de decisões [...]” (p. 5)

A cognição (conhecimento) e a motivação (pulsão) são dois aspectos da psicologia humana (PIAGET, 1983). Com este pensamento, compreendemos como a educação musical intensifica o conhecimento de competências musicais. Pois, juntamente a esta ideia, deve-se tratar a relação dos (as) estudantes com os eventos sonoros do seu cotidiano. Oliveira (2007, p. 49) diz que a aprendizagem consegue resultar na ação de vários processos que são os “cognitivos e metacognitivos (a percepção, a atenção, o pensamento, a escolha, a ação, etc.) [...]”. Para isto, determina-se que o processo de ensino e aprendizagem escolar musical é um

instrumento da intermediação social por contribuir para o desenvolvimento que possibilita o (a) estudante a habilidade de apreciar e ouvir.

A música exerce um papel de destaque desde a aprendizagem infantil por seu poder educador e criativo. Para Piaget (1973), as crianças desenvolvem capacidades de cognição por meio de quatro estágios que são: sensório-motor (do nascimento aos 2 anos), pré-operacional (dos 2 aos 7 anos), operações concretas (dos 7 aos 12 anos) e operações formais (a partir dos 12 anos). Portanto, entende-se que a música faz parte da vida de uma criança desde os seus estágios iniciais representando um instrumento de ativação das emoções e sentidos, deixando para trás com os vínculos tradicionais para elaborar novas maneiras na construção do conhecimento. Brito (2003) afirma que a música “atua no corpo e desperta emoções; [...] contribui com a integração social, pois através dela a criança desenvolve a capacidade de ouvir, perceber, diferenciar diferentes gêneros, [...] sensações e pensamentos [...]” (p. 71)

Em uma perspectiva social, “um grupo se constrói no espaço heterogêneo das diferenças entre cada participante [...]” (FREIRE, 2008, p. 104). A música é um instrumento facilitador da comunicação e utilizar isso faz com que os diferentes grupos de alunos (as) na sala de aula consigam se integrar com personalidades, preferências, pensamentos e visões de mundo distintas do seu cotidiano. Para isso, o ambiente escolar é o lugar de apropriação onde esses estudantes tem a oportunidade de ter diferentes visões de mundo, para que se possam conhecer com o intuito de atuarem de formas conscientes em seus deveres sociais. A interação social representa, cada vez mais, um papel no desenvolvimento cognitivo, uma vez que surgem funções mentais que têm origem nas interações sociais. Assim, entende-se que a aprendizagem não é uma tarefa realizada individualmente, mas sim fruto de uma interação para se desenvolver uma reflexão sociocultural do ambiente.

Por fim, segundo Brécia (2003) “a musicalização é um processo de construção do conhecimento, que tem como objetivo desenvolver e despertar o gosto musical, cooperando para o desenvolvimento da sensibilidade, o senso rítmico, criatividade [...]” (p. 134). Esta musicalização consegue desenvolver nos (as) estudantes a percepção do senso crítico no momento em que estão sendo expostas as suas sensibilidades motoras (LUCHESE, 2021). Portanto, assume-se que a aprendizagem desenvolve a independência de uma nova oportunidade de experimentação dentro desse processo educacional.

A música no contexto escolar: discussão acerca da expressão cultural e representatividade.

Antes de pensarmos em música como expressão e representação, partindo-se dos estudos que determinaram a época, é imprescindível entender como a educação brasileira se formou através de outras histórias. Sendo uma dessas reportada no Brasil colônia, e tendo a educação por função da Companhia de Jesus (1549 – 1759) (denominada também de educação jesuítica). A partir disso, a análise de Rosário e Melo (2015, p. 380) diz que “e não é sem razão, é quase (im) possível pensar uma história da educação brasileira sem colônia e colônia sem a Companhia de Jesus (considerada um Estado dentro do Estado português)”. Desta maneira, a música por meio das manifestações religiosas se introduziu ao apresentar letras e cantos que instruíram os povos até uma práxis-cristã. Os sacerdotes utilizam-se desta ferramenta afim da catequização dos povos. Com tais princípios que se incorporou a primeira elaboração pedagógica musical no Brasil, onde os curumins das missões católicas foram instruídos a aprenderem a música e os autos europeus (FONTERRADA, 2008).

Assim, é importante reconhecer a música como uma cultura imaterial, a qual está relacionada aos componentes abstratos a que pertencem desde que o Brasil não é Brasil, pois, diante destas circunstâncias, no período colonial, possuíamos um repertório cultural e essa construção foi concedida por três matrizes: a indígena, a portuguesa e a africana. A percussão africana, a sonoridade indígena e a “modinha portuguesa”, três modelos musicais distintos que compõem o processo de cultura musical, cada uma delas, respectivamente, geridas por negros africanos escravizados, por povos indígenas e por brancos europeus.

Os ritmos foram surgindo, cada vez mais, a partir dessas matrizes musicais, formando estilos próprios brasileiros. E, partindo dessa visão, apresentar em sala de aula essas perspectivas levam além da apresentação de uma proposta pedagógica, mas proporcionam uma reflexão sobre identidade. Dessa forma, a discussão pauta na definição sobre o que seria cultura e como rompe paradigmas eurocêntricos que, muitas das vezes, são apresentadas de formas minimizadas e distorcidas pelos livros de História.

Em uma busca para definir “cultura”, na antropologia surge o conceito de multiculturalismo, campo que pretende explicar a existência da diversidade social em um determinado espaço. Rocha Trindade (1995) expressa-se sobre o que é cultura em, pelo menos, duas interpretações: como fenômeno observável a que, na maioria das vezes, corresponde a um evidente pluralismo cultural resultante da intensificação e da posterior radiação de

correntes migratórias de diferentes raízes geográficas; e como um grupo de políticas aplicadas em vários campos da administração pública, especificamente na educação, na formação profissional, no emprego e na ação social, como propósito de responder aos requisitos específicos das sociedades plurais. Seguindo esses passos, os (as) alunos (as) passarão a ter, primeiramente, um olhar crítico de argumentação da realidade, sobretudo, do nosso retrato cultural nacional para, posteriormente, entender que a música brasileira também foi construída a partir de vários fragmentos de outras culturas.

A cultura e seu movimento incorpora ainda uma outra dimensão que é seu caráter de mediação, ou seja, aquilo que faz com que as condições objetivas de vida sejam expressas pelos sujeitos sociais, não pelo que de fato são e representam, mas pela forma pela qual o real é significado, percebido e interpretado. Cabe aos indivíduos e grupos, perceber, significar e interpretar a si mesmos em relação ao que vivem e experimentam e que, impregnam a textura social do cotidiano, enquanto imagem, rotina e ruptura, enquanto universo significante que é parte da vida vivida, pensada, sentida e concebida. (GUSMÃO, 1999, p.46).

Na literatura, temos o conceito de encruzilhada que explica a ideia de encontro dentre várias culturas em que pontos se intersectam e se desviam, se influenciam mutuamente e divergem entre si, pois resulta em multiplicidade e convergência. A encruzilhada é o lugar das mediações entre sistemas e instâncias de diversos saberes, frequentemente traduzidas por uma técnica de avaliação dos cosmos chamada de conscienciologia a qual segue os estudos da consciência em uma abordagem integral, cosmoética, multidimensional, bioenergética, projetiva e autoconsciente, apontando para o movimento circulatório dos cosmos e do espírito humano que gravitam na circunferência de suas linhas de interseção (cf. THOMPSON, 1984, MARTINS, 1997).

Ademais, as músicas são narrativas melódicas que contam experiências, medos, dores e sentimentos e, paralelamente à literatura, é uma fonte de prazer e de conhecimento. Da mesma maneira que o exercício da leitura deve apreciar suas ideias, suas expressões e as relações que são estabelecidas a partir da leitura (LEITE, 2018), o “ouvir” música também desenvolve essas cognições, visto que o processo musical envolve percepção, reconhecimento e emoção, tendo nas músicas melodias, ritmos e harmonias que compõem diversas representações identitárias. Por isso, as canções apresentadas em sala de aula devem estar alinhadas com as personalidades e as características dos (as) alunos (as) com o objetivo de trabalhar a representatividade.

Partindo de uma perspectiva social, a aprendizagem é um desenvolvimento para a identidade e ser incluso em um mundo social. Para esse fim que se propõe, o “ouvir” com a inserção da música torna os (as) alunos (as) mais receptivos (as) para o desenvolvimento físico, social e cognitivo pois as utilizações dos elementos musicais podem facilitar e promover a comunicação, o relacionamento, a aprendizagem, a mobilização, a expressão e a organização (BACKES, 2003) ativando diversas áreas cerebrais, posto isso, desenvolvendo potenciais do nosso sistema cognitivo.

Para além dos elementos básicos que formam uma canção, podemos observar a presença de elementos culturais que marcam nossos processos históricos, evidenciando diversidades étnicas, religiosas, linguísticas e sociais. A música une aspectos estabelecidos e compartilhados pelos seus praticantes, sua forte relação com a cultura permite que tenha um papel importante dentro de cada contexto social, isso ocorre através das suas características simbólicas, seus usos e funções que a particularizam, de acordo com as especificidades do universo que a envolve (MERIAM, 1964). Como expressão cultural, a prática musical pode ser considerada um canal de comunicação universal pois não há registro de qualquer grupo humano que não realize manifestações musicais, no entanto, esse fato não faz com que essa atividade seja uma “linguagem universal”, uma vez que todas as sociedades possuem a sua forma de produzir a sua própria música (QUEIROZ, 2004). Desse modo, destrinchar discussões acerca dessas noções em sala de aula, lugar onde há manifestações das diversidades, torna-se uma grande possibilidade para apresentar mundos distintos em um único espaço, permitindo o desenvolvimento do pensamento crítico a partir de outras experiências sociais.

Considerações finais

Consideramos fundamental utilizar a ferramenta musical no processo de ensino e aprendizagem, uma vez que implementa um dos objetivos principais da educação que é construir sujeitos conscientes da realidade que os espera. E uma implementação da musicalização como um meio facilitador contribui na construção dos (as) estudantes na compreensão de um mundo sonoro por meio de perspectivas de si mesmos. Fazendo que seja uma mediadora no processo de ensino-aprendizagem. Assim, podemos afirmar que a música consegue um acesso mais rápido para o aprendizado com a necessidade de desenvolver nos (as) alunos (as) as dimensões do processo de formação. Desta maneira, este artigo tem como

objetivo ilustrar como a sala de aula se comporta com a ferramenta musical para uma facilitação na aprendizagem, tendo a necessidade de pontuar neles (as) suas origens culturais e evidenciar como isso pode ser feito no desenvolvimento pedagógico.

Para isto, Snyders (1992) comenta que a música é “propiciar uma alegria que seja vivida no presente [...]”. Contudo, salientamos que não é uma tarefa simples implementar um ato de musicalização nas práticas pedagógicas e que respeitem também a diversidade cultural dos (as) estudantes dadas por uma sociedade multiétnica. Pois, a música é vista unicamente como um momento de entretenimento. Entretanto, a educação musical deve ser utilizada para um desenvolvimento facilitador da aprendizagem dos (as) alunos (as) para que a sala de aula se torne um lugar mais propício para o aprendizado.

Ademais, apresentamos uma discussão acerca de como a música é uma ferramenta que cerca a expressão cultural e representatividade refletindo sobre os processos históricos do contexto social do (a) aluno (a). Portanto, a música desde sempre consegue exercer um papel de livre expressão por muitos que discutem seus métodos e suas relevâncias para a sala de aula, pelo motivo de não implementar cobranças, nem pressões em seus resultados.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. **Pequena História da Música**. Martins Editora, 1980.
- Art. 215; Título VIII Da Ordem Social; Capítulo III Da Educação, da Cultura e do Desporto; Seção II Da Cultura; Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.
- BACKES, D.S. *et al.* Música: terapia complementar no processo de humanização de uma CTI. *Revista Nursing*, v.66, n.6. P.37-42, 2003.
- BRÉSCIA, V. P. (2003). *Educação musical: bases psicológicas e ação preventiva*. Campinas: Átomo.
- COFER, C. N.; APLEY, M. H. *Psicología de la motivación: teoría y investigación*. Mexico City: Trillas, 1972.
- ENNIS, R. (1993). Critical Thinking Assessment. *Theory in to Praticce*, 3 2: 3, 179-186.
- FIGUEIREDO, S. O processo de aprovação da lei 11.769/2008 e a obrigatoriedade da música na educação básica. Anais do XV ENPIDE – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino - Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente, Belo Horizonte, 2010. Painele.
- FREIRE, M. **Educador educa a dor**. São Paulo: Paz e terra, 2008.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa*. 1996. 43ª edição. São Paulo: Editora Paz e Terra Ltda, 2011.
- GUSMÃO, N. M. M. de. Antropologia e Educação: origens de um diálogo. In: GUSMÃO, N. M. M. de (Org.). *Antropologia e Educação: interfaces do ensino e da pesquisa*. Cadernos Cedes, Cedes/Unicamp, n. 43, ano XVIII. p. 8-25, dezembro de 1997.
- Lei n. 11.769, de 18 de agosto de 2008*. Altera a Lei nº 9.394, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm
- LEITE, S. A. da S. (Org.). *Afetividade e práticas pedagógicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2011.
- LOUREIRO, A. M. A. (2003). *O ensino de música na escola fundamental*. Campinas: Papirus.

- LUCHESE, M. H. A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 7, n. 3, p. 542–556, 2021. DOI: 10.51891/rease.v7i3.799. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/799>. Acesso em: 12 maio. 2021.
- MOURA, M. O. A atividade pedagógica na teoria histórico-cultural. Brasília: Liber Livro, 2010.
- MARTINS, L. M. Afrografias da memória, o reinado do rosário no Jatobá. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.
- MERRIAM, A. P. The anthropology of music. Evanston: Northwestern University Press, 1964.
- Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular (Terceira Versão)*. Ministério da Educação, Brasília, DF: MEC, 2017.
- NÓVOA, A. A formação da profissão docente. In: NÓVOA, Antonio (Org.). *Os professores e a sua formação*. 2. ed. Lisboa: Publicação Dom Quixote, 1995, p. 15 – 33.
- OLIVEIRA, S. R.. Educação Infantil: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.
- PALHARES, A. da S. A música como meio facilitador da aprendizagem na educação. Trabalho de Conclusão de curso. Guarabira: UEPB, 2012.
- PIAGET, J. *L'épistémologie génétique*. Paris: Press Universitaires de France, 1973.
- PIAGET, J. *Problemas de epistemologia genética*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- QUEIROZ, L. R. S.; MARINHO, V. . Práticas para o ensino de música nas escolas de educação básica. *Música na educação básica*, Porto Alegre, n. 1, p. 60 – 75, 2009.
- RANGEL, A. M. P. Construtivismo: Apontando Falsas Verdades. Porto Alegre: Mediação, 2002.
- ROCHA-TRINDADE, M. B. *Sociologia das migrações*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.
- Referencial curricular nacional para a educação infantil: Conhecimento de mundo*. 1998c. V. 3.
- ROSÁRIO, M. J. A. do; MELO, C. N. . de. A educação jesuítica no Brasil colônia. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 15, n. 61, p. 379–389, 2015. DOI: 10.20396/rho.v15i61.8640534. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640534>. Acesso em: 17 maio. 2021.

- REIS, S. L. F. Conclusões de uma pesquisa sobre os fundamentos de uma prática em educação musical no Século XX. Série Fundamentos da Educação, Salvador, n. 4, p. 185-190, out. 1998.
- SNYDERS, G. A escola pode ensinar as alegrias da música? 2. ed. São Paulo: Cortez: 1994.
- SWANWICK, K. Permanecendo fiel à música na educação musical. In: Encontro Nacional da ABEM, 2, 1993, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: ABEM, 1993, p. 19-32.
- SEKEFF, M. de L. (2007). *Da música, seus usos e recursos*. São Paulo: Editora Unesp.
- THOMPSON, R. F. *Flash of the spirit, African and African - American art and philisophy*. New York: Vintage books, 1984.
- WEIGEL, A. M. G. *Brincando de Música: Experiências com Sons, Ritmos, Música e Movimentos na Pré-Escola*. Porto Alegre: Kuarup, 1988.